

# DICIONÁRIO DE GÍRIAS: ESTREITAMENTO E PERCEPÇÃO DO CAPITAL CULTURAL E DO HABITUS LINGUÍSTICO A PARTIR DA RELAÇÃO COM OS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Samuel Vicente Basso Cibils\*

Ana Maria Bueno Accorsi\*\*

UERGS

**Resumo:** *O presente artigo tem como tema o aspecto sociológico do uso de gírias em um ambiente socioeducativo. Seu objetivo é de descrever e analisar o distanciamento social no espaço de aprendizagem, segundo os conceitos de Bourdieu sobre capital cultural e habitus. Para a realização da pesquisa e do trabalho, foram concebidas oficinas sobre a criação de um dicionário de gírias. Os dados qualitativos proporcionados pela prática pedagógica são apresentados utilizando-se de relatórios das oficinas construídas junto com os jovens participantes. A partir do material coletado, constatou-se o caráter simbólico do léxico como vetor de distanciamento social pelo capital cultural incorporado no uso*

**Abstract:** *The present paper has as its theme the sociological aspect of the use of slang in a socio educational environment. Its main purpose is to describe and analyze the social distance in a learning environment, according to Bourdieu's concepts of cultural capital and habitus. In order to develop the classwork, some workshops about a slang dictionary have been held. The qualitative data provided by the pedagogical practice are presented, based on the reports of the meetings so that we have been able to analyze the concepts presented by the young people. From this, it has been verified the symbolic character of words and expressions as a vector of social distancing by the incorporated cultural capital.*

“Seu, posso te mostrar uma carta que escrevi pra minha mãe?”. Assim o professor foi abordado por um jovem interno. A carta, como

esse jovem havia previamente explicado, era para ser enviada a uma unidade prisional feminina, onde a mãe cumpria pena em regime fechado; ele, um rapaz com aproximadamente dezessete anos, também estava institucionalizado, não num presídio, mas numa fundação de apoio socioeducativo. Sua fala, se nota, sinaliza uma projeção afetiva e de confiança na figura docente. Precisamente, há nele certa compreensão a respeito do papel do professor representada pela sua aproximação, não só relativamente às palavras proferidas, mas com a faculdade da escrita e com os vínculos de comunicação a serem estabelecidos.

Essa e outras experiências encorajaram a produção deste trabalho, que tem como objetivo básico descrever e ampliar uma observação sobre as distâncias entre mundos sociais que se evidenciam por meio das diferenças de capital cultural. Especificamente, o escopo de investigação centra-se na função do capital linguístico das gírias num ambiente de jovens com a liberdade restrita. Para tanto, foram desenvolvidas oficinas de elaboração de um dicionário que espelhasse a linguagem específica usada por essa população. A pesquisa resultou em relatórios de observação, objeto de reflexão acerca da formação do *habitus* linguístico e das relações de poder subjacentes naquele meio social.

## 1. Dicionário e seu Contexto

O interesse pelo tema parte de uma experiência didática numa instituição de apoio socioeducativo com jovens do sexo masculino em cumprimento de medida socioeducativa.

Durante nove meses foram realizadas atividades de aprendizagem num curso de auxiliar de lanchonetes e também no curso de ocupações administrativas, oferecidos em parceria da instituição socioeducativa com uma entidade filantrópica. É importante registrar que os jovens em cumprimento de medida socioeducativa, em sua maioria, são moradores de periferia.

Nesse contexto foi possível perceber a oposição entre mundos sociais muito diversos e que se traduziam na frustração do docente na concretização de suas práticas pedagógicas previamente planejadas. As propostas reativas e embates discursivos geraram rupturas e transformações determinando a busca por uma reinterpretação conceitual e teórica sobre os diferentes momentos dos conflitos

vivenciados.

Durante as tarefas de leitura e escrita, sempre se fornecia um dicionário de língua portuguesa aos jovens para eventuais consultas. Ao perceber que geralmente ignoravam esse objeto, questionou-se sobre a razão pela qual não utilizavam o dicionário. Um dos jovens, então, afirmou que se tratava de um “livro de playboy”. O termo ‘playboy’ designa, de modo depreciativo, um indivíduo do sexo masculino de uma elite econômica e cultural. O dicionário, segundo a fala do interno, indica que aquele objeto pertence a um determinado mundo social, um mundo social diferente e fora do âmbito de sua vida. O dicionário, para eles, estava identificado como um símbolo que se impunha como norma – o significado e a grafia das palavras socialmente aceitos. No dicionário estariam listadas e definidas somente as palavras legitimadas por uma determinada camada social na qual, por seu turno, se excluam as gírias e demais expressões usadas do contexto daqueles jovens em cumprimento de medida socioeducativa.

A normatividade da língua, que o dicionário representa, se impõe como uma espécie de dominação cultural pela língua. Segundo essa perspectiva, para Pierre Bourdieu, a dominação cultural se daria num espaço de relações de força, relações entre tipos de capital distintos para exercer o domínio em um campo determinado.

### **1.1 Revisão bibliográfica**

No campo escolar, o discurso docente, a fala do professor com objetivos pedagógicos de aprendizagem, submete-se a uma transfusão do seu meio formativo (fortemente constituído no consagrado campo acadêmico) para a escola. No entanto, o capital cultural acumulado em um determinado meio nem sempre é transferível para outro campo; sua validade geralmente é limitada. A atitude do ouvinte tende a variar de acordo com o capital cultural incorporado e da rigidez do campo. Muitas vezes a fala do professor provoca uma reação de ‘anti-intelectualismo’ presente em setores sociais desprovidos de capital cultural escolar - como é o caso dos jovens internos no meio socioeducativo. Esses jovens são, na sua maioria, egressos das séries finais do ensino fundamental de escolas públicas de periferia.

A observada “repulsa” à leitura pode ser interpretada nesse sentido. Advindos de um meio social em que não há leitores, a escola tende a

não dar-lhes condições de desenvolver um *habitus* leitor. No artigo “Os três estados do capital cultural” (2012), Bourdieu associa a noção de capital cultural com o conceito de *habitus*:

O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*. Aquele que o possui pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. (BOURDIEU 2012, p. 75)

Essa incorporação do capital cultural pelo *habitus*, por seu turno, também determina as categorias de juízo do professor. A avaliação realizada pelo docente, muitas vezes, é um modo de organização e percepção de agentes (incluindo a si mesmo) dentro de um campo específico.

Na sua obra *Razões Práticas*, Bourdieu afirma que o *habitus* é uma espécie de senso prático daquilo que se deve fazer em cada situação - no esporte chamaríamos de ‘o senso do jogo’, a “arte de antecipar o futuro” (BOURDIEU 1996, p. 43). O *habitus* seria uma espécie de competência prática na e para a ação, uma matriz de disposições duráveis que possibilita o cumprimento de tarefas num determinado espaço. Segundo Bourdieu a construção do *habitus* deve ser tratada como:

[...] sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (BOURDIEU 2005, P. 191).

Esse *habitus* também está associado ao uso da língua enquanto instrumento de ação. O *habitus* lingüístico seria uma espécie de conhecimento adquirido da língua que capacita o indivíduo a usá-la segundo ocasiões específicas, segundo um conjunto de avaliações práticas de utilização do idioma e suas variações. Esse conceito está muito próximo à noção de ‘*performance*’<sup>1</sup> que Chomsky utiliza em sua teoria gerativa e que é definida como sendo “o uso efetivo da língua em situações concretas” (SAUSSURE 1975, p. 229). Esse

habitus linguístico, segundo Bourdieu:

[...] se constitui na relação com um campo de um determinado nível de aceitabilidade (isto é, um sistema de chances objetivas de sanções positivas ou negativas para as performances linguísticas) e um mercado linguístico definido por um nível de aceitabilidade mais ou menos elevado (BOURDIEU 1983, p. 17).

Um discurso competente implica na utilização da linguagem (técnica do corpo) dentro de um campo, um espaço delimitado e simbólico onde ocorrem disputas. O *habitus* linguístico se distingue da *performance* chomskyana pelo fato de ser adquirido pela experiência e, por isso, é variável “segundo o lugar e momento” (BOURDIEU 1990, p. 21).

## 1.2 Materiais e métodos

Levando em consideração o uso de um capital cultural linguístico incorporado como *habitus* e o distanciamento dos jovens ao uso de dicionários de língua portuguesa, foram elaboradas oficinas nas quais os internos criariam seu próprio dicionário a partir da organização de listas, definições e exemplos de sentenças com as gírias que eles usam no confinamento. O objetivo específico das oficinas foi o de aproximar e levar os jovens à utilização dos dicionários como um todo. O método foi agrupar as gírias numa planilha dividida em células e organizadas sob quatro categorias básicas: termo, classe gramatical, definição e exemplos de sentenças.

Algumas das palavras listadas pelos internos como sendo gírias próprias eram procuradas no dicionário a fim de se descobrir se o significado que adotavam para o vocábulo como gíria possuía alguma relação com a definição do dicionário oficial. Essa tarefa suplementar, no entanto, gerou intensos debates acerca do papel simbólico de alguns termos e que, de certa maneira, favoreciam que se estabelecesse uma separação radical entre os internos (e seus familiares) e os não internos.

Como resultados desse trabalho, além do dicionário de gírias, também conseguiu-se realizar algumas reflexões com os jovens sobre os termos utilizados por eles, sobre a língua portuguesa e como ela se

modifica. As discussões, no entanto, não são literais e fazem parte de relatórios redigidos após os encontros.

## 2. Relatórios e Discussões

As oficinas desenvolveram-se dentro de três das unidades do órgão responsável pela execução das medidas socioeducativas de internação e de semiliberdade, aplicadas aos adolescentes que cometem ato infracional. Todas as oficinas foram realizadas no mesmo complexo de unidades situado num bairro da periferia de Porto Alegre. O presente relatório restringe-se à última oficina realizada. Todavia, a rotina entre as diferentes unidades era praticamente a mesma.

Ao chegar ao prédio da unidade, sempre era preciso guardar os pertences e o celular do docente no armário que fica próximo das salas administrativas. Nesse armário há lápis, borrachas e canetas para os jovens. O número de lápis, borrachas e canetas são necessariamente conferidos antes e depois dos encontros por medida de segurança.

O acesso à sala de aprendizagem demanda cruzar uma série de corredores e sete portas em forma de celas, com trameças espessas de metal fundido. Ao subir ao piso superior, por um corredor que leva à penúltima cela, é possível ver-se um dormitório de isolamento, onde fica retido o jovem que recebe punição disciplinar. Após passar por esse corredor há mais quatro celas, totalizando sete celas antes de se chegar à sala de aula que fica situada no mesmo espaço do refeitório.

Relata-se a seguir os episódios que geraram o trabalho com os internos.

Durante as atividades de aprendizagem percebeu-se que alguns dos jovens ainda não sabiam como consultar no dicionário a classe gramatical das palavras. Procurou-se explicar de que modo poderiam localizar suas respostas no livro, em seguida os jovens foram questionados a respeito do porquê de se utilizar um dicionário. O início do relato já foi, como se vê, discutido em parágrafos anteriores.

Com o dicionário erguido, pergunta o professor:

“Pra que serve isto?”.

Um dos internos diz:

“Isso aí é um livro de playboy”.

“Mas como assim um livro de playboy?!” – Retruca o docente. “As palavras que vocês utilizam no dia a dia de vocês aqui na instituição, podem ser encontradas neste livro?” – Pergunta.

O silêncio entre os jovens indica resistência ao assunto.

“Seu, aqui a gente usa essa palavra de outro jeito” - um deles responde.

“De outro jeito como?” Replica o professor, procurando uma resposta mais aprofundada.

“Aqui a gente se comunica diferente. Tipo assim, se alguém usa as palavras daqui a gente sabe que ele veio pra cá; a gente pergunta: em que unidade tu tava.”

“Então tu estás afirmando que quando alguém vem pra cá começa a utilizar palavras novas ou palavras que, mesmo estando no dicionário, aqui possuem outro sentido?”

Quando essa frase é dita, os jovens assentem com a cabeça.

“Então pra que serve este livro?” - A questão inicial é retomada, mostrando-se o dicionário.

“É pra quando a gente não estiver mais aqui e precisar ler um texto onde a gente não conhece as palavras.” - Responde outro jovem.

“E então, se alguém vem de fora e não entende nada do que vocês dizem, como eu poderia ajudar essa pessoa a ler as palavras que vocês utilizam no dia a dia; de que forma eu poderia ajudá-la a compreender o significado que vocês dão às gírias daqui?” - Questiona o professor.

Neste momento, começam a listar vários vocábulos, próprios de seu falar. Na medida em que as palavras foram surgindo, algumas delas chamam a atenção pela sua relação com o conceito de *habitus* linguístico proposto por Bourdieu. A partir deste episódio, começou-se a desenvolver não só o próprio dicionário, quanto a entender o significado daquele léxico e o porquê e quando de sua utilização.

A seguir, apresentam-se alguns dos verbetes propostos em uma parte do dicionário construído pelos jovens, seguindo algumas orientações:

- a) Eles tiveram de consultar o dicionário oficial de língua portuguesa para definir e discutir as classes gramaticais;
- b) Eles propuseram as definições;
- c) Eles propuseram os exemplos, com frases de seu uso no dia-a-dia.

Para alguns dos vocábulos listados não foram fornecidos exemplos.

### 3. Dicionário de Gírias Resumido

Verbetes	Classe gramatical	Definição	Exemplo
apurado	adj.	1. alguém que necessita utilizar o banheiro	"fulano(a) está apurado, Dona!"
atrapalhar	v.t.ind.	Pron. Reflexivo: 1. atrapalhar-se. 2. Arranjar incômodos para si, desnecessariamente	"tu vai te <i>atrapalhá</i> agindo assim"
babaloo	s.m.	1. calça muito apertada	
baixar	v.t.d.	1. Esconder; 2 guardar algo da vista de alguém	
balear	vtd	1. alguém que pede coisas a todo momento a alguém	"ele fica baleando toda hora"
barrão	s.m.	1. homossexual	
bicar	v.t.d e ind	1. cuidar visita alheia	“ele tá só bicando”
bita	s.f.	1. Comida, ou prato de comida. 2. Também associado ao pacote com comida.	"A bita está nasqui"
brastemp	s.m.	1. alguém que lava a roupa de outra pessoa	
brete	s.m.	1. Dormitório;2. cela	
broto	s.m.	sin. 1.Pão	
cabeça de lata	s.m.	1. movido a pilha	
cachorriar	v.t.ind.	1. falar de modo garboso ou pretensioso	"Pára de cachorriar cas Dona!"
camisa verde	s.m.	1. maconha	
canalha	adj.	1. ruim; 2. comida ruim	"esse rango tá canalha"
caneco	s.m.	1. Copo ou xícara	
contra	s.m.	1. pessoa ou pessoas de	"fulano é meu

		uma facção criminosa rival	contra"; "Os contra estão me esperando sair do brete"
coruja	s.f.	1. Cueca	
dar um pente	coloq.	1. fazer sexo	
disfarçado	adj.	1. quando alguém muda seu próprio visual	
dona	pron. Tr	agente, professor ou técnico do sexo feminino	
dragão	s.m.	1. Isqueiro	
dragueado	adj.	1. alguém que está armado	
duque	s.m. adj.	1. estuprador	

Tabela 1: planilha construída na oficina de gírias.

#### 4. Considerações sobre os verbetes

Toma-se a palavra ‘brete’ como exemplo para descrição, já que é uma das mais utilizadas no ambiente socioeducativo descrito. Esse termo denota o dormitório onde os jovens ficam reclusos a maior parte do tempo; quando os jovens foram indagados se eles sabiam qual a definição usual do termo ‘brete’, um dos jovens exclamou: “tem alguma coisa a ver com boi!”.

Então, a definição que havia no dicionário Aurélio foi-lhes lida (FERREIRA 2004):

1. Pequeno curral onde se recolhem ovelhas, etc., para tosquia;
2. Corredor estreito, num curral, que liga a mangueira à balança e/ou a outro(s) aparelho(s), e onde se segura a rês para curativos, vacina, marcação, etc.
3. Nas charqueadas e matadouros, corredor estreito onde se abate a rês (*ibid.*, p.327).

Na sequência, os jovens não sabiam se a definição atribuída a esse conceito na instituição partira dos internos antecedentes ou dos próprios monitores, mas ficava clara a todos a simbologia que essa

gíria traz consigo: a ideia de um poder imposto de dominação.

Segundo Bourdieu, a censura da linguagem é inseparável à censura do corpo (2005); ora, a domesticação da linguagem por meio das gírias, independentemente de sua origem, implica na dominação entre agentes naquele campo. Da noção de ‘brete’, por exemplo, deriva o conceito de ‘embretar’ que, no contexto dos internos, significa “arranjar incômodo com alguém”. Entende-se a analogia, pois, de fato, no caso de algum conflito dentro das unidades, o jovem ‘embreta-se’ e é forçado, conforme a indisciplina, a ficar recluso no isolamento, como medida disciplinar.

Outro verbo comum é o verbo ‘treinar’ que, no contexto dos internos, significa cometer um equívoco ou falhar em algo despropositadamente. Quando certa vez o docente afirmou ter ‘treinado’ numa receita de bolo de milho, os jovens riram e comentaram: “O seu falou que treinou!”. Esse fato demonstra que nem todo o tipo de gírias é compartilhável ou tem um significado equivalente à denotação oficial. O significado dessas palavras pode até ser compartilhado, mas seu uso é restrito - seja por convenção ou imposição.

Importante fazer uma observação: algum tempo depois, na unidade das jovens do sexo feminino, soube-se, por elas, que não é autorizado às internas apelidar o alojamento de ‘brete’, assim como não é autorizada a utilização de muitas das gírias que os rapazes usam. Essa censura ao capital simbólico das gírias sugere que as palavras utilizadas no confinamento são estruturas de reconhecimento e separação. As meninas são impedidas de empregar gírias nas suas conversas para não se aproximar das falas dos rapazes e/ou poderem ser reconhecidas como ‘delinquentes’.

## 5. Considerações finais

A importância do presente trabalho não se limita apenas à articulação de conceitos do teórico e filósofo Pierre Bourdieu, seu sistema teórico e seus argumentos, mas também pretende discutir sobre a importância de investigar a realidade de jovens infratores, muitos deles provenientes da periferia da cidade, e que são levados a cometer delitos em razão de sua situação socioeconômica e social. Os conceitos bourdieusianos, em boa medida, permitiram compreender essa realidade a partir das falas e dos verbetes que estes jovens

apresentaram nas oficinas de construção de dicionários.

Contextos de pesquisa como estes parecem ser imprescindíveis para uma aproximação transformadora da realidade educacional brasileira. A interpretação e compreensão da leitura das palavras usadas pelos jovens é um caminho para a leitura de nós mesmos como professores e sujeitos interessados num ensino formador.

Por fim, gostaríamos de enfatizar o quanto foi fundamental os laços de confiança e acolhimento dos jovens para a realização das oficinas e à produção do dicionário. Como forma de agradecimento, dedicamos a esses jovens a pesquisa e este artigo.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. (2005) *A economia das trocas simbólicas*. Trad.: Sergio Miceli. 6ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1990) *Coisas ditas*. Trad.: Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo (SP): Ed. Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (2012) *Escritos de educação* (Orgs.) NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. Campinas: Ed. Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1983) *Pierre Bourdieu: sociologia*. Trad.: Paula Montero e Alicia Auzmendi. (Org.) ORTIZ, Renato. São Paulo: Editora Ática.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad.: Mariza Corrêa. Campinas: Ed. Papyrus.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2004) *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed., Curitiba: Ed. Positivo.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1975); CIVITA, Victor. *Textos selecionados*. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial.

**Palavras-chave:** sócio-educação, sociologia da educação; gíria, capital cultural, *habitus*, violência simbólica

**Keywords:** social-educational support, sociology of education; slang; cultural capital, *habitus*; symbolic violence

### Notas

---

\* Especialista em Teoria e Prática da Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande Sul (UERGS - 2017) e mestrando em filosofia (PUCRS | CNPq). E-mail: samuel.cibils@gmail.com

\*\* Doutora em Letras – Teoria da Literatura (PUCRS). Professora adjunta na

---

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Coordenadora do Curso de Especialização Latu Sensu, Teoria e Prática da Formação do Leitor (UERGS). E-mail: ana-accorsi@uergs.edu.br

<sup>1</sup> Também traduzido por ‘desempenho’.